

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

ANO 02 | NÚMERO 06 | ABRIL DE 2020

O SENTIDO DA VIDA



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA

Preparando Vidas para servir o Reino de Deus

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

Ano 02 | Número 06 • 2020

PRÁXIS MISSIONAL

Ano 02 | Número 06 • 2020

Dossiê: O sentido da vida

Editor chefe: Jonathan Menezes

Editor associado: Rubens Muzio

Conselho consultivo: Jorge Henrique Barro / William L. Lane / Marcos Orison / Wander de Lara Proença / Antonio Carlos Barro

Design gráfico: Daniel Menara

Diagramação: Mauro S. R. Teixeira

Conselho de Referência:

Alan Brizotti

Antonio Carlos Costa

Armando Bispo

Magali N. Cunha

Márcio C. Leal

Maurício Cunha

Robinson Jacintho

Ruth Padilla Deborst

Sérgio Queiroz

Timóteo Carriker

Valdir Steuernagel

Wilson Costa dos Santos

Uma publicação da **Faculdade Teológica Sul Americana**

A Revista Práxis Missional visa contribuir com a prática cotidiana da Missio Dei (missão de Deus) e dos múltiplos ministérios do povo de Deus, priorizando temas relacionados à Teologia Prática (em suas vertentes missional e pastoral), em sua vocação de construir pontes entre uma teologia bíblica e contextual, mais formalmente elaborada, e a prática missionária e ministerial da Igreja e dos cristãos. Prioriza ainda o diálogo com abordagens que reflitam de modo prático sobre problemáticas que envolvem a vida da igreja brasileira e latino-americana.

Correspondência

Editora FTSA

Rua Martinho Lutero, 277 - Londrina-PR - 86055-870 - Tel./Fax: (43) 3371-0200

Endereço eletrônico: contato@praxismissional.com.br

Página na internet: www.praxismissional.com.br

SUMÁRIO

EDITORIAL

POR JONATHAN MENEZES.....05

ARTIGOS

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA

POR JONATHAN MENEZES.....08

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA SABEDORIA BÍBLICA

POR MARCOS ORISON NUNES DE ALMEIDA.....22

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA INTERIORIDADE

POR ALAN BRIZOTTI.....33

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA SOCIEDADE DIGITAL

POR CEZAR FLORA.....42

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO PÚBLICO BRASILEIRO

POR JÚLIO PAULO TAVARES MANTOVANI ZABATIERO.....51



EDITORIAL

Há milênios seres humanos vêm se debatendo com questões relativas ao sentido da vida, que ora versam sobre a origem da vida, da humanidade, ou até de nossa existência pessoal; a razão disso tudo existir e não o nada; a relação entre a vida e a morte; o passado, o presente e o futuro, esse grande desconhecido; e por que as coisas acontecem nesse mundo (e em nossas vidas) do modo como acontecem, quando elas poderiam ser um pouco diferentes. Como quando meu filho de 7 anos, tendo-se dado conta das calamidades de seu mundo, perguntou à minha esposa: “Mamãe, por que o mundo é assim, hein? Quer dizer, primeiro foi a dengue; agora são esses meninos que resolvem fazer essa brincadeira de machucar os outros”. É como se ele estivesse perguntando “Mamãe, qual é o sentido da vida?”, tão cedo o quanto sua tenra consciência lhe permite.

Fazer essas perguntas pode ser algo tão natural quanto viver, especialmente quando se está em busca. Aliás, muito interessante as palavras que Eugene Peterson utilizou na tradução da Bíblia A Mensagem para se referir ao Cohelet ou Mestre, autor de Eclesiastes: “Estas são as palavras daquele que está em busca” (Ec 1:1). O Pregador – como ele também é chamado – está em busca. Mas de quê? Em busca de sentido, de significado e, quem sabe, de algum consolo em meio às constatações honestas a que chega em sua busca, como a de que “tudo é vaidade” ou (de novo na tradução A Mensagem) de que “nada tem sentido”. Claro, porque se tudo é efêmero, vazio, passageiro, como ele entende, dizer que as coisas que ele inclui nesse “tudo” não fazem o menor sentido é apenas uma conclusão lógica.

É uma satisfação e um desafio, portanto, propor um número da Práxis Missional sobre essa temática que está conosco tão cedo quanto o próprio respirar. Algumas questões permanecerão sem resposta, outros tantos fios ficarão desencapados, mas o simples fato de enfrentar teologicamente a questão nos coloca na esteira de uma tradição milenar e, ao mesmo tempo, na agenda do dia. Os artigos que fazem parte desse número (com a exceção do de Alan Brizotti) foram originalmente palestras ministradas no Seminário Temático 3, de agosto de 2019, na Faculdade Teológica Sul

Americana. Cada um deles coloca a questão do sentido da vida dentro de um dado “cenário”, nomenclatura comum a todos eles.

O primeiro cenário é o da espiritualidade contemporânea, artigo de minha autoria. O segundo cenário é o da sabedoria bíblica, por Marcos Orison, que estuda o tema a partir dos livros de sabedoria no AT. O terceiro cenário é o da vida interior, tal como pintada por Alan Brizotti em conversa com o livro de Salmos e com referenciais da psicanálise. O quarto cenário é o da sociedade digital, apresentado por Cezar Flora, sobre as formas de narratividade presentes no âmbito (cada vez mais usual) do digital. O quinto e último cenário é o da vida pública brasileira, na visão de Júlio Zabatiero, que nos conduz a uma reflexão sobre o momento em que vivemos no país, como cidadãos e como igreja, à luz de Jesus, o caminho, a verdade e a vida.

Muito obrigado por escolher nossa revista e espero que aprecie a leitura.



Sobre o autor

Jonathan Menezes é Doutor em História pela UNESP/ Assis, além de Professor e atual Coordenador da Graduação Presencial da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: jonathan@ftsa.edu.br



GRADUAÇÃO EM **TEOLOGIA ONLINE**

Nossa Missão é ajudar você a cumprir a sua



Venha para a FTSA e tenha uma
experiência que vai mudar a sua vida

☎ (43) 3371-0200  www.ftsa.edu.br

Rua Martinho Lutero, 277 | Gleba Palhano - Londrina - PR



[Práxis 06 (2020) 8-20]

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA

Por Jonathan Menezes

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA ESPIRITUALIDADE CONTEMPORÂNEA

POR JONATHAN MENEZES

“Futilidade do problema da imortalidade. O que nos interessa é nosso destino, sim. Mas não ‘depois’, ‘antes’”. (Albert Camus)

“A questão principal não é se existe vida após a morte, mas se existe vida antes da morte”. (Rob Bell)

1. Questões introdutórias

Queria partir dessas duas frases da epígrafe para dizer algumas coisas, a meu ver, importantes sobre a temática do “sentido da vida”, antes de pensar sua relação com o horizonte da espiritualidade e, por conseguinte, pensar em implicações e desafios para o presente. Essas serão, portanto, minhas considerações iniciais:

1. Nossa antiga e mui evangélica preocupação com o “celestes porvir” já não tem o mesmo apelo de antes. Não é que ela tenha desaparecido do horizonte, mas parece que temos percebido que existem coisas importantes para se fazer *aqui e agora*, antes de pensar no lá e depois. Em outras palavras, tão importante quanto saber se haverá um céu *lá* (quando fizermos “a travessia”), é viver de modo a experimentar um pouco do céu cá.

2. Essa é justamente a questão-chave para entender *Eclesiastes*, o livro que mais tematiza a questão do sentido da vida na Bíblia: o “medo desesperado de morrer antes de aprender a viver” (Kushner, 1999). Ele diz “melhor ser um cão vivo que um leão morto”. Ou seja, bem ou mal, somente gente viva – aqui, presente, agora – pode ter esperança. “Sou feliz nesse mundo”, disse Albert Camus (2014, p. 17), “porque meu reino é desse mundo”. Essa é também a *esperança* de *Eclesiastes*: que mais pode o ser humano fazer, diante da fugacidade (falta de sentido) de tudo, senão viver bem a vida?

Duas *notas de esclarecimento*, antes de prosseguir:

(a) Em diálogo com Pilatos – que havia, lembrando, lhe perguntado se ele era o “Rei dos judeus” –, Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo. Se fosse, meus seguidores lutariam para impedir que eu fosse entregue aos líderes judeus. Mas meu reino *não procede* deste mundo” (Jo 18:36, NVT). Essa versão deixa claro que o “não ser deste mundo” da primeira afirmação diz respeito a “não proceder dele” e, portanto, não operar segundo seus meandros. A melhor maneira de servir uma igreja, uma sociedade ou o mundo é nos tornando livres em relação às suas expectativas e exigências. Do contrário não seremos servos livres, como os profetas ou Jesus, mas vassalos obedientes, meras marionetes nas mãos de um sistema. (b) Paulo foi quem disse que se nossa esperança se limita apenas a esta vida somos e seremos as pessoas mais infelizes do mundo (1Co 15:19). Por isso, não se trata de esperança *neste*, mas *deste* mundo, isto é, enquanto fazemos parte deste mundo, anunciamos (e encarnamos) a visão de um novo céu e uma nova terra (Ap 21:1). De novo Camus (2014, p. 18): “A eternidade *está aí* e eu esperava por ela”. Não apenas esperar, mas semear a eternidade é o que o Evangelho nos ensina a fazer.

3. Retomando: Por que, então, temos nos perguntado e debatido com a questão do sentido da vida há tanto tempo? Porque sabemos que vamos morrer, só não sabemos quando – e precisamos, por isso, aprender a viver antes que o fim venha. É a angústia diante da finitude que levou o salmista a orar assim: “Mostra-me, Senhor, *como é breve* meu tempo na terra; mostra-me que meus dias estão contados e que *minha vida é passageira*. A vida que me deste não é mais longa que alguns palmos, e diante de ti toda a minha existência não passa de um momento; na verdade, *o ser humano não passa de um sopro*” (Sl 39:4-5, NVT, grifos meus).

Diante da constatação da brevidade da vida – independente de quantos anos se viva, a vida é de fato “sopro” – a questão, então, deixa de ser qual é o sentido *da vida* (pois ela não possui nem oferece um), passando a ser: que sentido podemos encontrar ou produzir *na vida*? O ideal é que, no processo, ouçamos os conselhos de Deus e busquemos sua vontade, mas

fazemos isso tendo que, simultaneamente, fazer escolhas e conviver com as consequências delas, isto é, tendo que viver a vida. E isso é um presente que Deus nos deu desde a criação, quando nos fez mordomos e co-criadores com Ele. O problema da falta de sentido nos acompanha, portanto, desde a queda do ser humano, quando trocamos o privilégio inerente ao mandato cultural – presente em imperativos como “sede fecundos”, “multiplicai-vos”, “sujeitem e dominem” – ao dar ouvidos ao que uma serpente qualquer sugeriu sobre o que deveríamos fazer. Ou seja, sob a pressuposição de que seríamos “maiores”, conhecedores do bem e do mal, nos tornamos menores.

Eis o paradoxo: o sentido é uma dádiva, mas também é fruto de nossas escolhas. A vida humana foi feita para ser não uma antessala de outra vida, mas para ser vivida e aproveitada aqui com a intensidade que cada momento permite. William McNamara, no livro *A experiência humana: uma loucura divina*, diz o seguinte:

A vida humana realmente vivida é sempre uma aventura e uma descoberta. Se nós não estamos rompendo barreiras, atingindo níveis mais profundos de ser, tornando-nos mais e mais humanos, isto é, irradiando Deus primorosamente, então nós estagnamos. Perdemos nossa glória original. (McNamara, 2010, p. xiii).

2. A espiritualidade contemporânea e a questão do sentido

Antes de prosseguir, um problema de pesquisa: Por que temos tido tanto interesse e tanto prazer em falar de espiritualidade ultimamente? É que possível relação há entre a resposta a essa pergunta e a questão do sentido da (ou na) vida?

Gostaria de propor três teses gerais sobre este cenário, dentro de uma perspectiva limitada.

Tese 1: A busca pela espiritualidade hoje está ligada, a meu ver, com a *busca pelo ser* – aquele que perdemos de vista enquanto nos preocupamos tanto, no último século, em dominar e conquistar o mundo. Esse é o preço: a perda

do ser, ou “da alma”, como alertou Jesus. Por isso se endereça pela pergunta: “Afinal, quem sou eu?”. Essa redescoberta do ser tem prós e contras. O pró é que passamos a nos preocupar mais em nos conhecer melhor a fim de viver melhor. O contra, ou a tentação, é voltar à estaca zero e tornar, de novo, a percorrer uma *egotrip* – a jornada do ego e o cultivo se sua agenda. Logo, espiritualidade, que seria sinônimo de vida, torna-se a palavra da moda para endereçar apenas meu desejo de satisfação e realização pessoal, ainda utilizando Deus como trampolim.

Tese 2: A busca pela espiritualidade hoje também está ligada *ao vazio* (crise de sentido) e a desespero que habita as pessoas, e que, diga-se de passagem, a religião tradicional, nem sempre tem sido capaz de preencher. Então, multiplicam-se as diferentes formas de concepção e prática da espiritualidade, dentro e fora das igrejas, como tentativa de preencher esse vazio aparentemente irremediável. E isso, outra vez, tem prós e contras. De um lado, isso é uma forma de humilhação necessária às igrejas, que precisam se reinventar em prol da vida (interna e externa à comunidade) e passar a *escutar mais o mundo e o Espírito* (Stott) a fim de continuar tendo a possibilidade de ser ouvidas por mais gente além de seu próprio séquito. Por outro lado, isso pode acirrar a competição entres essas diferentes propostas por atenção e adesão, de modo que elas podem passar a se guiar mais pela lei da oferta e procura e menos pela fidelidade às exigências do Espírito (em contraste com as do mundo).

Tese 3: A busca pela espiritualidade hoje também é, pelas razões acima, indicativa de uma *difusão ou descentralização dos meios* para se obter sentido na vida. Richard Holloway (2007, p. 57) argumenta que “a falta de uma única autoridade organizadora é, em si, uma marca importante da espiritualidade humana contemporânea; e que o fato específico de se reunir apenas ocasionalmente é um de seus pontos fortes mais importantes”. Ele está falando sobre essa tendência que encontramos nos chamados meios seculares de buscar a presença, a comunhão e a transcendência sem a necessidade de mediadores institucionais ou religiosos. Isso explica, inclusive, o recente interesse dos ateus pela espiritualidade (ver: Menezes, 2015). É possível,

então, encontrar “diásporas espirituais” entre os sem-religião e os ateus, que centram sua atenção na ciência, na ética e na estética (artes em geral). Os limites dessa espiritualidade secular são óbvios e sentidos pelos próprios secularistas,¹ pois, como bem aponta Holloway (2007, p. 56), “não existe nenhuma influência óbvia que possa reunir os sem-Deus e motivá-los para o trabalho”, além do fato de que eles também “não se reúnem semanalmente para ser eticamente desafiados e espiritualmente elevados”. Oportunidade para que surjam mais iniciativas cristãs que ousem sair da mesmice e se juntar ocasionalmente a essa diáspora espiritual a fim de ensinar e encarnar o caminho da nova humanidade representada em e por meio de Cristo Jesus.

3. Espiritualidade e sentido: pistas para a igreja contemporânea

Gostaria agora de apresentar sete pistas de como a igreja contemporânea pode atuar neste cenário a partir do quadro pintado acima. Para cada uma delas quero também oferecer alguns referenciais de leitura, a partir dos quais você poderá se aprofundar mais nesses temas.

3.1. *Rebelião contra a desumanização*. Venho batendo há alguns anos nesta tecla, o que rendeu dois livros sobre o tema: *Humanos, graças a Deus* (2018), e *Espiritualidade em transformação* (2015). Ambos partem da pressuposição de que as pessoas hoje suportam menos do que ontem a tendência de dissociar a espiritualidade, bem como o exercício da liderança, da humanidade que nos constitui. Isso cria, por sinal, uma necessária rebelião contra a desumanização, uma revolta que encontramos na própria Escritura, tendo em vista que Deus se humanizou para nos sintonizar de novo com o divino que há no humano. Nossa diferença para com os demais animais é que nós nos desumanizamos, enquanto um cachorro não se torna menos cachorro, nem os gatos se “desgatzizam”. E cada vez que o fazemos perdemos um pouco mais o sentido. Precisamos urgentemente de uma espiritualidade para a qual nada do que é humano deve ser estranho, nem na igreja mesma, nem naqueles/as a quem ela presta cuidado. Parafraseando Segundo Galilea, o

1 Um exemplo emblemático disso pode ser encontrado no livro *Religião para ateus* (2011) de Alain de Botton que se rende parcialmente ao que julga ser aspectos indispensáveis da religião para uma vida e sociedade melhores, sem que, no entanto, alguém precise crer em Deus ou pertencer a uma religião.

que não pode ser assumido também não pode ser redimido. Lembremo-nos e nos voltemos ao exemplo do Cristo (cf. Fp 2.5-11).

3.2. *Ressignificação da dor.* “Não fuja da dor, não fuja da dor. Querer sentir a dor não é uma loucura. Fugir da dor é fugir da própria cura”, são os versos finais da canção do Titãs (2001). Eles sinalizam um grito da arte contra a nossa tendência, reforçada pela religião e por muitos de seus líderes, de rechaçar a dor – oferecendo, por sua vez, seus entorpecentes e dizendo que “não precisamos passar por sofrimento, pois somos filhos de Deus”. Ao contrário, “sentir a dor”, como sugere a canção, é o passo necessário para a cura, bem como uma possível descoberta de sentido. Recomendo a leitura de *Em busca de sentido* (2004), de Viktor Frankl, um relato de um psiquiatra que passou pela experiência de ser prisioneiro em campos de concentração nazista, mas sobreviveu para contar histórias sobre o comportamento de prisioneiros nessa condição, seu sofrimento e a questão do sentido. Ele relata ter conhecido pessoas que reagiram ao sofrimento de inúmeras formas, sendo algumas delas “dignas de seu tormento”, pois não perderam sua liberdade interior – que consiste, segundo ele, em “configurar a vida de modo que ela tenha sentido” – até o último suspiro. “Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá” (Frankl, 2004, p. 67). Precisamos desesperadamente de uma liderança que nos encoraje a lidar com o *sentido trágico* (isto é, afirmador) da vida, reconhecendo com Frankl (idem) que “aflição e morte fazem parte da vida como um todo”, e que precisamos estar prontos para receber e lidar com ambas.

3.3. *Redescoberta da alegria.* Ainda que a palavra “felicidade” continue sendo um imperativo que representa anseios mais variados das pessoas hoje, como demonstra, por exemplo, a pertinente análise de Zygmunt Bauman em *A arte da vida* (2010); paira também no ar cada vez mais uma desconfiança de que a insatisfação que nos assalta à meia noite – quando as máscaras caem e as realizações efêmeras do dia perdem sua força – jamais nos deixará enquanto não aprendermos a cultivar a força do contentamento, expressa na carta paulina aos Filipenses (vide Fp 4:10-14). Também em obras filosóficas como *Alegria: a força maior*, de Clément Rosset (2000), *O poder da alegria*, de Frédéric

Lenoir (2015) e *O paraíso à porta - Ensaio sobre uma alegria que desconcerta*, de Fabrice Hadjadj (2015), todos autores franceses e que esposam, cada um a seu modo, a perspectiva trágica sobre a qual falei anteriormente. Precisamos cada vez mais de uma espiritualidade que instigue a busca de uma alegria mais profunda, escondida no segredo do contentamento bíblico.

3.4. *Enfrentamento dos paradoxos*. Defino “paradoxo” como a coexistência harmônica ou conflituosa de realidades que na *doxa* (pensamento ou opinião comuns) são opostas ou díspares. Eclesiastes dá uma série de demonstrações de paradoxos, a exemplo do paradoxo do conhecimento (quem cresce em conhecimento cresce também em sofrimento), o paradoxo da eternidade (ela reside no coração humano, mas também nos deixa no escuro) ou o paradoxo do trabalho (é um enfado e, ao mesmo tempo, uma dádiva), só para mencionar alguns. A reflexão sobre o paradoxo é necessária num tempo de incertezas e falta de sentido como o nosso. Um “pensador sem paradoxo”, disse Sören Kierkegaard, é como “um amante sem paixão, um tipo medíocre”. Líderes e crentes que evitam paradoxos também habitam, consciente e inconscientemente, na mansão da mediocridade, dando conselhos medíocres e vivendo vidinhas medíocres. Um trabalho sério e inspirador recentemente publicado sobre o tema é *Entre a luz e a escuridão do dia*, de Joan Chittister (2019). Ela nos lembra que hoje precisamos com prioridade de uma liderança que tanto guie, quanto aceite ser guiada em meio às, e abraçando as, contradições da vida. “Isso pode nos salvar de nos entregarmos aos enigmas da vida em desespero” (Chittister, 2019, p. 14).

3.5. *Libertação da perfeição*. A imperfeição é um dado da natureza humana; a perfeição, um dado na natureza divina. Quando o humano e divino se *reúnem* – porque a separação nunca foi uma iniciativa divina, senão humana e, não obstante, permanecemos sendo imagem e semelhança mesmo quando cortamos os laços de comunhão com o divino – perfeição e imperfeição se tocam mutuamente, e o Verbo se faz carne e habita entre nós “cheio de graça e de verdade” (Jo 1:14). Perceba que o que aproxima o ser humano da perfeição é justamente o reconhecimento jubiloso de sua imperfeição, e aceitação do vínculo da perfeição, o amor de Deus, que diz: “Sim, eu te

aceito e te amo do jeito que você é. Não precisa fazer nada, basta que você simplesmente seja em Mim, e assim será maior e coisas maiores, inesperadas e inimagináveis fará, porque escolheu permanecer em mim” (vide Ec 9:7; Lc 3:22; Jo 15:1-17). Como diz Richard Rohr em *A libertação do ego* (2010, p. 55), “o homem só se tornará adulto quando souber o que é em Deus”. Além desse opúsculo de Rohr, recomendo também a leitura de *Salvos da perfeição*, de Elienai Cabral Jr. (2009), que ousou sonhar e viver uma liderança e um pastoreio que vão além da ação habilidosa, gerencial e eficaz, que se realiza num mesmo chão humano partilhável: “Pastoreio à medida que sou amigo, que exponho minha alma e divido minhas percepções sobre a vida. Desconheço o trabalho pastoral como gestão para eficiência. Reconheço-me entre amigos que promovem um ambiente de integridade e afeto para a maturidade” (Cabral Jr., 2009, p. 51). Necessitamos efusivamente de uma espiritualidade (e de uma liderança) que lide maduramente com a imperfeição e vulnerabilidade humanas.

3.6. *Diálogo com não-crentes*. Já falei em tópico anterior sobre o desafio que nos coloca certa espiritualidade secular, ligada também ao interesse dos ateus em uma espiritualidade meramente humana, na qual não há mais lugar para Deus ou para a religião. Neste ponto o assunto é outro. No lado oposto ao ateísmo científicista, que aposta nas certezas da ciência para desbancar a fé e tirar Deus do cenário, existe, na concepção de Tomás Halík, um “ateísmo da dor”, que nasce de um litígio profundo não com Deus propriamente, mas com uma representação ou imagem de Deus, e com os abusos cometidos em nome dessa imagem (que pinta um Deus punitivo ou inimigo da vida, por exemplo). Se um opositor clássico do primeiro tipo de ateísmo tem sido o pensamento apologético – já que ambos (apologetas e científicistas) encenam a obediência a um dogmatismo racional-manualístico e, portanto, nutrem a pretensão de convencer o outro de que cada um está ao lado da “Verdade” e quem pensa diferente está excluído dela –, em relação ao segundo ateísmo, onde não há tanto desprezo quanto há dor e dúvida, precisamos encontrar pontos de encontro e solidariedade. Ou seja, devemos “mostrar que a experiência cristã da fé conhece também esses momentos, que a história central do cristianismo, o drama pascal, inclui igualmente as

trevas da Sexta-feira Santa e o grito de abandono de Jesus” (Hálik, 2017, p. 57). Carecemos cada vez mais de uma liderança (teológica mais ainda) que escute com atenção o “ateísmo da dor”, bem como os desencantos com Deus e a religião que nascem dos abusos espirituais, a fim de parar de dar respostas a perguntas que não foram feitas.

3.7. *Despertar da consciência.* Byung-Chul Han (2017) assevera que uma das grandes guerras que travamos hoje é a “guerra mental” ou psíquica. Uma batalha normalmente perdida, e não somente porque damos muito ouvido ao que Eckhart Tolle (2007, p. 32ss) chama de “voz na nossa cabeça”, e todas as ideias que ela planta, mas também porque deixamos de lidar com esses males psíquicos no nível da consciência, transplantando-os, assim, ao nível dos relacionamentos. Desse modo, deixamos que uma percepção distorcida de quem somos (o ego) pelos outros entre em guerra com uma percepção distorcida que nutrimos dos outros, numa verdadeira batalha de egos. A cada dia a observação da experiência humana atesta: quem não cuida bem de sua vida interior – identificando sombras e demônios e lidando com eles honestamente – tende a projetar essas mesmas sombras e demônios nos outros. Daí o inferno sempre será “os outros”, como vaticinou Sartre, e nunca uma condição auto imposta.

O que Eckhart Tolle (2007) e Anthony de Mello (2014) chamam, cada um ao seu modo, de “despertar da consciência” serve justamente para que reconheçamos que essas formas de inimizade que perpetuamos em sociedade são, antes, projeções de uma inimizade existente e não tratada em nosso próprio coração, fruto do domínio do ego e da supressão de nosso “eu mais profundo”, que não se confunde nem com os papéis que representamos, nem com nossas identificações externas. Em suma, um eu cada vez mais livre das exigências externas e submetido ao que Roland de Pury (1950) chamou de “exigências do Espírito”:

Só trevas podemos esperar de um mundo, de uma Igreja, de um povo, de um partido, que não reconhecem ao homem a liberdade e a exigência mais sagrada: *a de ser ele mesmo.* A de enfrentar aquele que Lutero chamava ‘o símio de Deus’ o pai da mentira, que só tem um fim: fazer-nos representar a

comédia. Comédia bem pensante ou comédia mal pensante, comédia religiosa ou comédia leiga; que diferença faz, desde que seja uma comédia? Papel de um pastor ou papel de um comunista, papel de uma mulher mundana ou papel de uma camponesa; papel de um orgulhoso ou papel de um humilde. *Pouco importa ao Espírito Maligno, contanto que seja um papel e que o meu eu profundo não esteja nele*; contanto que, entre mim e as coisas boas ou más que eu faço e que eu digo, a mentira se tenha introduzido, separando a minha vida de mim mesmo; que importa ao Espírito Maligno o que eu digo, o que eu faço, o que eu creio, contanto que eu esteja alienado e não seja completamente eu que o diga, que o faça e que o creia; e que, assim, quando a personagem que eu tiver representado durante cinquenta anos for citada diante do Tribunal da Verdade, não haja simplesmente ninguém, porque não terá havido ninguém na minha existência (...), *ninguém que fosse inteiramente verdadeiro, que emanasse do meu eu autêntico e livre, de um eu sob a exigência do Espírito*. ‘Você representou bem ou mal o seu papel, mas nunca existiu, nunca foi você mesmo, não o conheço’, dirá o Espírito. É uma das definições que Kierkegaard dá do desespero: não sermos nós próprios. Essa ‘doença mortal’ de que ninguém se apercebe a não ser quando começa a curar-se. (Grifos meus)

Precisamos, por fim, de uma espiritualidade que fomente a lucidez sobre o poder escravizador do ego sobre a vida das pessoas, crentes inclusive. E que as auxilie na busca de compreensão de quem são, bem como da aceitação de quem são em Deus. O cuidado de si passa assim, como vimos, por uma consciência cada vez mais clara da existência de um si-mesmo falso, a quem vimos alimentando e dando poderes ao longo da vida; pela emergência do “eu-verdadeiro”, o que somos em Deus, que está sob as “exigências do Espírito”; o que também significa, para todos os efeitos, um esquecimento de si e um perder-se libertador, na qual é morrendo que se ressuscita para a vida, conforme nos ensinou Jesus: “Se tentar se apegar à sua vida, a perderá. Mas, se abrir mão de sua vida por minha causa, a encontrará” (Mt 16:25, NVT).

Que o Senhor abra os olhos do nosso coração; que ilumine nossos passos, quando o caminho ficar escuro; que nos ajude a abraçar a escuridão a fim de encontrar a luz; e, assim, que nos use como luzeiros em meio à um mundo confuso e trepidante em suas próprias trevas.



Sobre o autor

Jonathan Menezes é Doutor em História pela UNESP/ Assis, além de Professor e atual Coordenador da Graduação Presencial da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: jonathan@ftsa.edu.br

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DE BOTTON, Alain. *Religião para ateus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

CABRAL JR., Elienai. *Salvos da perfeição: mais humanos e mais perto de Deus*. Viçosa, MG: Ultimato, 2009.

CAMUS, Albert. *Esperança no mundo*. Cadernos (1935-37). São Paulo: Hedra, 2014.

CHITTISTER, Joan. *Entre a escuridão e a luz do dia: abraçando as contradições da vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

DE PURY, Roland. As exigências do Espírito. In: DE PURY et. al. *Os direitos do Espírito e as exigências sociais*. São Paulo: Publicações Europa-América, 1950.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

HADJADJ, Fabrice. *O paraíso à porta - Ensaio sobre uma alegria que desconcerta*. São Paulo: É Realizações, 2015.

HÁLIK, Tomás. *Livrar-se de Deus? Quando a crença e a descrença se encontram*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOLLOWAY, Richard. *Olhando a distância*. A busca humana por significado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KUSHNER, Harold. *Quando tudo não é o bastante*. São Paulo: Nobel, 1999.

LENOIR, Frédéric. *O poder da alegria*. São Paulo: Objetiva, 2015.

MCNAMARA, William. *The Human Experience: A Divine Madness*. Silver Spring, MD: The Beckham Publications Group, 2010.

MELLO, Anthony de. *Redescobrimo a vida: desperte para a realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MENEZES, Jonathan. *Humanos, graças a Deus! Em busca de uma espiritualidade encarnada*. São Paulo: Recriar, 2018.

_____. *Espiritualidade em transformação: sentido, humanidade e vida*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2015.

ROHR, Richard. *A libertação do ego: a busca do verdadeiro si-mesmo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ROSSET, Clémént. *Alegria: a força maior*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

TOLLE, Eckhart. *Um novo mundo: o despertar de uma nova consciência*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.



FTSA

Graduação em Teologia Presencial

Nossa Missão é ajudar você a cumprir a sua

Venha para a FTSA e tenha uma experiência que vai mudar a sua vida

☎ (43) 3371-0200  www.fts.edu.br

Rua Martinho Lutero, 277 | Gleba Palhano - Londrina - PR



[Práxis 06 (2020) 22-31]

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA SABEDORIA BÍBLICA

Por Marcos Orison Nunes de Almeida

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA SABEDORIA BÍBLICA

POR MARCOS ORISON NUNES DE ALMEIDA

Introdução

Podemos pensar que uma das formas de entendermos a teologia em geral, como um fenômeno humano, é vê-la como uma tentativa discursiva de darmos sentido à vida ou à existência. Assim, os vários textos bíblicos procuram explicar o que é a existência humana: quem somos, de onde viemos, para onde vamos. Logo de início as Escrituras trazem o livro de Gênesis como um prólogo para todos os outros que o seguem e ali lemos a afirmação cabal da criação divina: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1). Todo o resto decorre desta grande declaração. Muito embora apenas essa afirmativa não seja suficiente para dar conta do amplo questionamento sobre o sentido da vida, ela insere o elemento mais fundamental para a fé cristã que é a origem da existência em Deus. Afirmar Deus no princípio e como princípio das coisas nos insere em um ambiente de transcendência que permite considerar algumas razões, propósitos, alvos, objetivos etc. para o sentido da vida.

Obviamente que essa afirmação inicial não é suficiente. Aliás, como já mencionado, é apenas o prólogo de uma grande revelação escriturística que procura explicar a existência humana em toda a sua complexidade dando-lhe sentido. Logo em seguida, os primeiros capítulos do livro de Gênesis nos trazem o grande drama da criação-queda do ser humano e quase todo o resto da bíblia se dedica à restauração da vida humana em função daquilo que foi tradicionalmente conceituado como queda. Dessa maneira, os temas da criação, queda e salvação logo passam a compor esse compêndio de ideias e conceitos teológico-religiosos que vão procurando dar explicação e sentido para o mistério da vida humana.

O grande desafio, no entanto, é conseguirmos compreender ou alcançar um significado satisfatório ao sentido da vida proposto na Bíblia. Em outras

palavras, como fazer com que aquilo que lemos seja capaz de satisfazer a nossa carência de sentido? Ou ainda, de maneira mais complexa, como concordar inequivocamente com as diversas interpretações oriundas da leitura dos textos apresentados nas Escrituras a ponto de obtermos clareza e satisfação para o nosso constante questionamento sobre o sentido da vida?

Diante dos vários caminhos e possibilidades bíblico-teológicas de entendimento desse grande questionamento sobre o sentido da vida humana na bíblia, temos nos textos conhecidos como Escritos uma das mais interessantes abordagens. Isso porque, os Escritos incluem textos poéticos e sapienciais da cultura hebraica. De certa forma, a via poética e sapiencial nos fala desde uma perspectiva de sensibilidade própria que inclui tanto os apelos racionais quanto emocionais. Ali encontramos a fala do coração e da alma. Também encontramos a experiência da vida vivida e não apenas da vida conjecturada.

Meu foco nesse artigo será refletir mais especificamente sobre o sentido da vida desde a perspectiva da sabedoria bíblica tida, igualmente, como revelação divina. Sendo este um assunto inesgotável, minha intenção é apenas introdutória e provocativa; uma sugestão para que pensemos a vida a partir dessa ótica curiosamente instigante.

1. A sabedoria bíblica: Provérbios, Eclesiastes e Jó

A sabedoria bíblica, como estilo literário, perpassa vários livros, principalmente os do Antigo Testamento, mas encontra-se de maneira concentrada e explícita em três: Provérbios, Eclesiastes e Jó. Mas o que é a sabedoria dos tempos bíblicos? Como podemos defini-la?

Como todas as nações, Israel também entendia por “sabedoria” um conhecimento prático das leis da vida e do mundo, baseado na experiência. A palavra hebraica que se traduz por “sábio”, “sabedoria”, significa, inicialmente, ser experiente, ter competência técnica, como se diz de um marinheiro, de um siderúrgico, de um conselheiro político etc. A sabedoria de Israel é um fenômeno multifacetado que também sofreu consideráveis

mudanças. Mas o que é característico para tudo o que a sabedoria manifestou na vida é esse ponto de partida nas experiências elementares. Em todos os níveis de cultura, o ser humano é posto diante da tarefa de ter que dar conta da sua vida. Para esse fim, precisa conhecê-la e não deixar de estar constantemente atento para descobrir, se em meio ao emaranhado dos acontecimentos não se consegue constatar, aqui ou ali, algo como uma regularidade, uma ordem (Von Rad, 2006, p. 405).

A princípio, a sabedoria é, então, o resultado do conhecimento prático que se obtém da vida ao observá-la e compartilhá-la. Ela trata das experiências elementares da vida a que o ser humano está exposto, envolvendo as lutas, os desafios, as decisões, as consequências e os resultados esperados. Diante da complexidade da vida humana a sabedoria procura aquilo que é comum e que possa ser compartilhado. Nesse sentido, a sabedoria pressupõe experiência de vida no sentido de tempo, ou seja, em tese, os mais velhos assumem a responsabilidade de se tornarem detentores da sabedoria e de passarem adiante os seus conhecimentos.

Os três livros bíblicos sapienciais, contudo, possuem perspectivas diferentes ao comunicarem suas mensagens. O livro de Provérbios parece buscar um fio condutor para o entendimento da vida, enquanto Eclesiastes e Jó apresentam um caráter mais cético quanto a possibilidade de encontrarmos alguma lógica unificadora por trás da vivência humana. Provérbios, como o próprio nome do livro indica, é uma coletânea de assertivas e ditos, às vezes repetitiva, sem a preocupação de inserção destes versos em uma narrativa organizadora. Ernst Sellin e Gerog Fohrer (1977, p. 472), por exemplo, dividem o livro em oito seções atribuídas a diferentes autores que foram ali reunidas. Eclesiastes já possui um enredo mais amplo, embora sem uma clara linha mestra, fora aquela de abraçar as confusões e idiossincrasias humanas. Jó, por outro lado, apresenta-se como uma novela, bem estruturada em sua história e personagens, com um extenso diálogo argumentativo. Enfim, os três livros, de maneira distinta, têm como propósito falar da vida como ela é tendo como princípio a perspectiva da sabedoria bíblica.

Em que se pese a busca pelo entendimento da vida, os três livros se complementam oferecendo diferentes abordagens. Se levarmos em conta a dimensão desse desafio de tentarmos apreender a realidade e indicarmos um sentido para a vida humana, certamente necessitaremos apelar para diferentes aproximações quer sejam de ordem sistematizadora – filosóficas e teológicas – quer sejam de ordem empírico-vivencial. E, embora, como ocidentais tenhamos a tendência ou preferência pelas argumentações filosóficas, a sabedoria bíblica tende a proposições com base na vivência. Daí, talvez, haja de nossa parte dificuldade na compreensão do texto sapiencial. Nossa tendência seria a de encontrar respostas únicas e conclusivas, enquanto a sabedoria nos convida a mergulharmos no drama e nos identificarmos com as experiências humanas, mesmo que elas sejam fluidas.

Essas observações gerais podem não ser suficientes para a tarefa interpretativa dos textos. Dependendo dos métodos exegéticos e hermenêuticos que preferimos utilizar, as informações sobre os momentos históricos em que, provavelmente, os textos tenham sido produzidos nos ajudam. No caso do livro de Provérbios talvez tenhamos um misto de contextos que perpassam desde a monarquia até o pós-exílio babilônico. Já os livros de Jó e Eclesiastes parecem ter sua edição final no tempo pós-exílico. Principalmente para esses dois últimos livros essa é uma informação fundamental, pois o período pós-exílico é fortemente marcado pela perda da esperança de intervenção divina na história concreta, como acontecia no passado do povo de Israel. O que estava em jogo ali não era a fé em Deus, mas o entendimento de como a sua intervenção se daria naquele momento presente ou se efetivaria no futuro. Esse paradoxo entre a fé e a esperança ou a dinâmica que se estabelece na vivência de uma confiança desconfiada é o que permeia esses textos de sabedoria. Se por um lado esse período de desestabilização da teologia tradicional insere a mística apocalíptica, ele também traz a perspectiva humanizadora da sabedoria experiencial.

No contexto do pós-exílio babilônico vemos o desenvolvimento de uma perspectiva teológica que apela para as os ambientes, forças e disputas celestiais – e infernais – que denominamos de apocalíptica. A compreensão

e participação humanas na transformação da história são remetidas para esferas em que os seres angelicais e demoníacos é quem se tornam os responsáveis, fazendo dos humanos meros espectadores ou simplesmente intercessores. Tudo, porém, ocorre sem abster-se da noção de controle divino que, por outro lado, se torna altamente misterioso e enigmático. Essa teologia mistificada que domina parte do discurso da época recebe a companhia do tipo de sabedoria oferecida por Jó e Eclesiastes, que desnuda essa situação de dúvida em meio a fé em Deus, além de uma realidade recheada de paradoxos. Podemos dizer que temos aqui uma teologia humanizada, cheia de receios, inseguranças, dúvidas, questionamentos, contudo, sempre reafirmando a intencionalidade de agarrar-se à fé em Deus, aquele que dá sentido a tudo.

Esse é um dado fundamental que não podemos perder de vista quando nos aproximarmos da sabedoria bíblica. Os discursos teológicos, embora humanos, têm a tendência de assumir uma linguagem alta, divinizada, celestial, mistificada, absolutista e propositiva, como se fosse o próprio Deus falando diretamente a nós. No caso da sabedoria, diferenciando-a como uma teologia mais humanizada, o discurso sobre Deus assume características mais humanas, ou seja, frágeis, dúbias, incertas e paradoxais, como que se nós estivéssemos falando para nós mesmos. Conseqüentemente, a teologia da sabedoria bíblica se torna mais próxima, se assim a entendemos, sem, contudo, perder o aspecto de revelação divina que os outros tipos de discursos também possuem.

Por último, não há como falar da sabedoria sem mencionar o sábio. Observamos nos livros bíblicos duas faces do sábio. A primeira é a do autor, que assume essa responsabilidade ao compartilhar suas observações sobre a vida. A segunda é a daquele que pretende ser sábio e para isso deve seguir os conselhos do primeiro. Nesse sentido, a ambigüidade que recai sobre o sábio é a de que ele sempre é um aprendiz de si mesmo e de outros. Ele não deve ser aquele que sabe conceitual e racionalmente com um fim em si mesmo, mas aquele que experimenta, vivencia e compartilha aquilo que

sabe com os outros. A autoridade do sábio vem precisamente desse colocar os pés no chão da estrada e percorrer os caminhos da vida. Se possível, em meio aos muitos caminhos e descaminhos, o sábio será aquele capaz de indicar o melhor caminho.

2. A sabedoria bíblica: uma ilustração

Até aqui procurei fazer apontamentos gerais e técnicos em torno de aspectos literários, históricos e teológicos de como a sabedoria bíblica trata do tema do sentido da vida. Agora tentarei construir uma ilustração que explique metaforicamente a abordagem proposta pelos livros sapienciais naquilo que podemos absorver como revelação divina voltada para a aplicação prática em nossas vidas cotidianas.

Pensemos na arte de viver como comer e apreciar um bolo. Todos sabemos o que é um bolo e temos uma ideia do que é um bom bolo. Ainda assim temos as nossas preferências de tipos, sabores, coberturas, maneiras de comê-los, etc. Podemos gastar infinitas horas discutindo as nossas preferências, no entanto, o nosso principal objetivo deveria ser comer o bolo e não nos desgastarmos infinitamente discutindo sobre ele. Por outro lado, se todos queremos ter a experiência de comer um bom bolo, por que não estabelecermos diálogos sobre tudo aquilo que envolve os ingredientes, o preparo e o ato de comê-lo? Por que não compartilharmos as nossas ideias, preferências e experiências visando algo ainda melhor para essa realidade comum?

Difícil saber onde e como iniciamos essa conversa. Há muitas receitas de bolo e todas têm como objetivo ajudar-nos no preparo de um bom bolo para podermos saboreá-los. Entretanto, muitas vezes, temos a tendência de preferir uma receita específica e, de certa forma, cada um prefere a sua. Um dos grandes problemas que enfrentamos nesse processo é quando queremos impor a nossa receita aos outros, às vezes, com a disfarçada motivação de estar apenas indicando aquilo que achamos que é o melhor – os detentores dos discursos das teologias sistematizadoras, doutrinárias e filosóficas têm essa tendência. Mesmo as receitas, são pensadas e elaboradas a partir de casas, cozinhas, supermercados e lojas específicas – determinados por cada

contexto. Quando indicamos um ingrediente, uma medida, um utensílio ou um equipamento de cozinha, na maioria das vezes não consideramos que, dependendo do lugar onde a outra pessoa esteja, ela não será capaz de repetir a mesma receita. Alguns até tentam diminuir a influência do contexto e apelem para a precisão das medidas, substituindo xícaras, colheres e pitadas por mililitros e gramas, uma vez que xícaras, colheres e pitadas são muito variadas. Um dos maiores problemas, e que se torna crucial para o cozimento do bolo, é a temperatura. Muito poucos fornos possuem precisão na indicação da temperatura exata no seu interior, isso sem considerar a sua capacidade e tamanho. Enfim, tudo é muito aproximado, embora possa desejar a precisão.

Se levarmos em conta a questão dos ingredientes, essa tentativa de querer propor o melhor bolo ou um tipo de bolo único para todos torna-se impossível. Considerando todas as marcas de ingredientes, composições químicas e variedades, as indicações da receita tornam-se quase genéricas ou incapazes de serem seguidas. Mais complicado ainda é se a receita for originária de outro país, em que marcas e produtos são desconhecidas ou inacessíveis de um lugar para o outro — isso sem contar os diferentes sistemas de medidas: quilo ou libra, mililitro ou onça, graus Celsius ou Fahrenheit etc.

Todas essas variantes são grandes problemas para aqueles que defendem a receita única e perfeita para os bolos. Contudo, se o nosso objetivo é algo mais amplo, lúdico, e prazeroso que é comer o bolo, temos que adicionar outros ingredientes à receita que são a flexibilidade, criatividade, intuição, além do nosso próprio livro de receitas que compila um histórico de experiências próprias em fazer bolos. Podemos e devemos adicionar também o livro de receitas de outros, suas dicas e vivências de cozinha que muito contribuem para, não apenas fazer, mas também aperfeiçoar a nossa habilidade. São esses ingredientes invisíveis adicionais que permitem que sempre possamos preparar e comer bolos, mesmo quando não conseguimos seguir à risca as receitas escritas — como se fosse realmente necessário segui-las à risca. Fazendo assim, seguimos um outro tipo de receita, que não se restringe a uma simples lista de ingredientes e modo de preparo, mas que

considera princípios maiores e adjacentes a todas as receitas. A receita das receitas, aquela que é invisível e acaba por governar as visíveis, pressupõe essa compreensão mais ampla e menos formal que tem por objetivo último a experiência de saborear bolos. O fim último das receitas rígidas é, em tese, nos conduzir a comer um gostoso bolo, mas se em algum momento perdemos esse objetivo de vista podemos torná-la uma inimiga de si mesma. No momento em que não permitimos que a receita das receitas se faça presente com as suas intervenções flexíveis, intuitivas e criativas, podemos gerar uma experiência frustrante, apequenada e entristecedora. E, assim, comer bolo já não é tão prazeroso.

Conclusão

O que a sabedoria bíblica nos ensina é que embora procuremos formular todo tipo de discurso teológico estruturado tentando dar sentido à vida, ela sempre nos surpreende sendo muito maior e mais complexa do que os nossos discursos. As receitas teológicas, ou aqueles que arriscam fornecer receitas rígidas, devem aprender com a sabedoria. A receita para a vida não é um fim em si mesma; a receita não é maior que a vida; a receita possui um fim maior, que é a própria vida.

Outra coisa que a sabedoria nos ensina é que o sentido da vida é a encontrado no próprio dom da vida. É vivendo que se entende que o sentido da vida é viver e gozar desse dom divino. A vida criada por Deus é grande como ele e incapaz de ser encapsulada por nossos sentidos e raciocínios. Não é o pecado e o sofrimento, e não são as dificuldades e limitações que diminuem o sentido da vida. Todos esses elementos restritivos diminuem a nossa experiência da vida sem, contudo, lhe diminuir o valor. Por isso, lutamos instintivamente pela vida como uma pessoa que busca pelo ar quando está se afogando.

Por fim, a sabedoria nos convida a nos maravilharmos com o belo e o trágico da vida. A desfrutarmos da existência a partir de uma postura aberta, livre, inclusiva, dialógica, construtiva, companheira, cooperativa, compartilhada e, essencialmente, divino-humana.



Sobre o autor

Marcos Orison Nunes de Almeida é Doutor em Estudos Interculturais pelo Fuller Theological Seminary/EUA, além de Professor e atual Coordenador da Graduação e Pós-graduação Online da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: orison@ftsa.edu.br

Referências bibliográficas

SELLIN, E. e FOHRER G. *Introdução ao Antigo Testamento*. Vol. 2. ed. 3. São Paulo: Paulinas, 1977.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: ASTE/Targumin, 2006.



PÓS-GRADUAÇÃO

ONLINE NA FTSA

ESPECIALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO
PARA ENFRENTAR NOVOS DESAFIOS



[Práxis 06 (2020) 33-40]

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA INTERIORIDADE

Por Alan Brizotti

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA INTERIORIDADE

POR ALAN BRIZOTTI

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos.
(Sl 139:23)

Introdução

No magistral Salmo 139, Davi pontua algo que é próprio da dinâmica mais profunda daquele que ora: “(...) conheces de longe o meu pensamento”. É ali, no emaranhado da mente, nesse lugar tão íntimo, que são travadas as mais densas batalhas. De todos os olhares que lançamos na vida – ou *para* a vida –, o mais desafiador é o olhar para dentro. É um olhar que exige.

Na conversa com Deus, no já citado Salmo, a percepção do ato divino de sondar, da relação profunda entre o sagrado e a intimidade humana, gerou em Davi uma produção poética intensa e significativa. Mas nem todos reagem como Davi. Alguns frustram-se, revoltam-se, agonizam. Olhar para dentro pode produzir o abraço ou o desespero.

Para falar de dentro, da mente, recorremos a diversas figuras de linguagem: podemos usar as *tempestades* da mente, as *turbulências* da alma, as *erupções* da interioridade ou, ainda, imagens mais brandas, como a *calmaria* de uma noite tranquila, sobretudo quando buscamos significar ou ressignificar. Na ânsia dos significados, muitas vezes, somos (s)alvos¹ da metáfora.

Há dias em que o sentimento é o de navegar em tempestades. A mente se revolta, sofremos sob a dificuldade de enxergar algum horizonte, mas seguimos na luta. Por outro lado, há dias em que parece haver um recesso mental. Um estranho descanso na loucura. São os dias mais perigosos, pois podem esconder sob o manto macio da calma, a próxima crise. Um provérbio colombiano pondera: “Livra-me, Senhor, das águas mansas” (Traumann, 2018, p. 72).

¹ Gosto de utilizar esse recurso: colocar algumas letras, ou mesmo sílabas, entre parêntesis, para “brincar” com a amplitude de significado de alguns vocábulos. É uma “mania semântica” que tenho. Nesse caso específico, a letra “s” entre parêntesis leva-nos à reflexão se somos *salvos* da metáfora (ou por ela) ou se somos apenas *alvos* dela.

1. A multiplicidade que se encontra “lá dentro”

Fernando Pessoa deu-nos uma estranha definição da multiplicidade interior: “Minha alma é um manicômio de caricaturas” (Pessoa, 2018, p. 242). O excesso, o ruído, a confusão, fazem parte desse tecido complexo do íntimo. A interioridade, vista como lócus dos desejos, delírios e projeções, é um vasto campo de investigação e sondagem. Esse “lá dentro” é uma floresta de ramificações e autorreferências, um constante convite ao prazer e ao perigo de se embrenhar em sua densidade.

Um questionamento intenso se apresenta sempre que refletimos sobre a busca de sentido: devo olhar para dentro *ou* para fora? A busca deve compreender esse “ou” ao invés de um “e”? Para dentro “e” para fora? A própria busca já é parte do sentido? Quanto mais nos aprofundarmos nessa temática, mais a multiplicidade se estabelece: o universo da intimidade é quântico, misterioso. Aqui residem suas belezas, surpresas e tristezas.

O mergulho na interioridade é característica distintiva do humano, *demasiado humano*, como apontava Nietzsche. As leituras de dentro, suas implicações e sugestionamentos, acabam sempre por nos colocar em estado de alerta. Vasculhar o complexo baú da intimidade é uma atividade que pode nos levar a outras perspectivas provocantes: pode *re-velar* (*fechar* ainda mais aquilo que poderia ser exposto).

O problema é que vivemos numa sociedade da exposição constante, do mercado, da transparência (Byung-Chul Han, 2017). Essa vida na vitrine costuma servir como fuga da experiência conflitante do olhar para dentro. Mostra-se violentamente, explicitamente, para evitar que alguém queira olhar o que se esconde nas camadas mais discretas da interioridade. É o paradoxo da exposição: mostrar para esconder. Essa violência simbólica se estabelece nas fúrias do cotidiano, nas relações estremecidas ou exageradamente virtualizadas. Olhar para dentro é mais do que uma busca, é o duplo senti(r)do que se apresenta sempre que “fechamos a porta” (Mt 6:6).

2. O inquietante olhar da procura

Vivemos numa era que perdeu o encanto: a vida se tornou escrava do imperativo da urgência: compre, gaste, consuma! A lógica consumista é: “Compro, logo existo”. O profeta Amós (765 a.C.) nos apresenta outro imperativo, o do sagrado: “Buscai-me e vivei” (Amós 5:4). É o inquietante olhar da procura: por sentido, por propósito, por significado.

Uma das maiores angústias da humanidade é o vazio, a busca incessante, mas sem horizonte. Alguém pichou num muro em São Paulo: “Felicidade é pouco; o que eu quero ainda não tem nome”. Essa busca é tão intensa que muitos gastam a vida inteira sem amar nada! Os temas da angústia, da construção de significados na teia da vida, das relações com o próprio corpo e até mesmo dos fragmentos da identidade, são incessantemente estudados, discutidos e investigados pelos diversos campos do saber, em especial, a psicanálise.

Na psicanálise, essa busca é racional, trabalhada dentro do contexto da fala, da exposição, da interação, da conversa. O pensamento psicanalítico compreende como fuga da realidade o olhar religioso, as tentativas de explicação teológica da vida. Teóricos como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Jacques Lacan, não fugiram das questões sobre o vazio, a felicidade e a busca de sentido. Em seu livro, *O mal-estar na civilização* (1930), Freud refletiu um pouco sobre a questão central do sentido da vida, colocando que essa busca no homem se resume a um objetivo comum: a busca do prazer, da felicidade.

O pensamento psicanalítico não evita a complexidade da mente humana, muito pelo contrário, abraça e aprofunda a investigação dos vínculos, sobretudo quando adentra as questões mais agudas da sexualidade, dos instintos, das pulsões, do emaranhado de contradições e significados que moldam e caracterizam nossa estrutura psíquica. O olhar psicanalítico analisa, por exemplo, aquilo que chamamos de “medo da morte”, pois entende esse medo como algo natural a ser tratado de forma racional, uma vez que, no entendimento psicanalítico, esse medo da morte é parte da condição humana, cuja matéria não é eterna.

O problema de uma visão puramente racionalista da busca de sentido é que ela esbarra numa palavra que o humano conhece bem: limite. Santo Agostinho dizia que “os próprios limites da nossa razão tornam a fé uma necessidade”. O já citado profeta Amós garante o melhor dos resultados dessa busca, desse olhar inquietante que não descansa enquanto não percebe seu alvo: “Buscai-me e vivei” (Amós 5:4). Vive melhor quem busca direito! Mais importante do que buscar é *saber o que se busca!*

3. Senti(r)do da vida e a dor

Um dos grandes pensadores sobre a questão do sentido da vida, na perspectiva de quem olha para dentro, sem dúvidas, foi Viktor E. Frankl (1905-1997). Frankl foi professor de Neurologia e Psiquiatria na Universidade de Viena, bem como professor de Logoterapia na Universidade Internacional da Califórnia. Ele foi o fundador da Logoterapia², a conhecida “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia” (Sigmund Freud e a Psicanálise são a primeira escola; Alfred Adler e a Psicologia Individual, são a segunda).

Frankl foi um sobrevivente de vários campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Turkheim. Suas reflexões e o profundo mergulho analítico que fez durante seu cativeiro, foram as bases de seu mais famoso livro: *Em busca de sentido*, publicado pela primeira vez em 1946. Gordon W. Allport, em seu prefácio à edição norte-americana de 1984, do livro *Em busca de sentido*, diz sobre Frankl: “Ao contrário de muitos existencialistas europeus, Frankl não é nem pessimista nem antirreligioso”.

Obrigado a viver no epicentro da dor, exposto à morte tão flagrantemente próxima que parecia tornar-se até banal, Frankl compreendeu que a única coisa que tinha realmente a perder era a sua existência tão “ridiculamente

² A Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a primordial força motivadora do ser humano. A Logoterapia trabalha a *vontade de sentido*, em contraste com o *princípio do prazer*, da psicanálise de Freud, bem como também em contraste com a *vontade de poder*, enfatizada pela psicologia adleriana.

nua”. Em junho de 1983, na Alemanha, Frankl deu uma palestra como presidente honorário do Terceiro Congresso Mundial de Logoterapia, no Auditorium Maximum da Universidade de Regensburg, cujo tema foi “A tese do otimismo trágico”. Na palestra, que posteriormente virou um pós-escrito na edição de 1984 do *Em busca de sentido*, Frankl trabalhou a ideia de como é possível “dizer sim à vida apesar de todos os aspectos trágicos da existência humana. Espera-se que um certo ‘otimismo’ com relação ao nosso futuro possa fluir das lições retiradas do nosso ‘trágico’ passado” (Frankl, 2019, p. 11).

A dor é um dos grandes motores da reflexão sobre o sentido da vida. Muitos escritores já se debruçaram sobre a sua realidade, seja como quem pensa o assunto, ou como quem sente suas garras, a verdade da dor é a linguagem universal. A lágrima não precisa de tradução. Franz Kafka, Dostoiévski, Cioran, Nietzsche, C. S. Lewis, Philip Yancey, dentre outros, são exemplos do quanto os gemidos incomodam, mas geram. A literatura, a arte, sempre tiveram sua lente, seu foco, voltado para os retorcidos.

Em João 14:16, Jesus disse aos discípulos que rogaria ao Pai por outro Consolador. A expressão “Consolador” é profunda, honesta e reveladora: só há consolo para quem perdeu. A fala de Jesus expõe a dinâmica das nossas lutas no caminho da vida: perdas, buscas e frustrações – o campo de atuação do Consolador. A promessa de Jesus não exclui a dor, nem a “sacraliza”, ao contrário, a amplia, redime e ressignifica. A relação com a dor e com o sentido maior de todos os percalços e sucessivos tropeços, já não é um angustiante mergulho no nada, mas sim, um profundo encontro com a graça que liberta, transforma e dimensiona.

Olhar para dentro não é um passeio no parque, é um mergulho radical nas fúrias da interioridade. São questões que sempre se apresentam e brincam perigosamente nos emaranhados de dentro. Machado de Assis, em seu magnífico *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mostrou-nos um relance desse olhar que acontece nas dimensões mais discretas da nossa intimidade:

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou

a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te. (Faoro, 1974)

As teias dessa investigação sempre estarão a nos envolver. Nós, pesquisadores, pensadores, curiosos, insistimos em refletir sobre elas não para controlar ou entender, mas para seguir participando do mistério. A mente humana ainda tem seus segredos, suas tramas, pontos de tensão. Muitos pensadores continuarão perseguindo significados e trabalhando a arqueologia da mente, suas escavações trarão sempre essa mistura de euforia a cada passo que avançamos, e frustração a cada retrocesso. É a dinâmica da vida, a nossa travessura em espiar pelo buraco da fechadura da alma.

No Salmo 139:24, Davi faz um pedido que costumo repetir, uma oração intrigante: “Vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno”.



Sobre o autor

Alan Brizotti é teólogo e psicanalista. Escritor com 20 livros publicados, dentre eles: *Quando a vida dói*, em sua 7ª edição. Fundador da Escola Líder Mais, uma escola online de liderança: www.escolalidermais.com.br

Contato com o autor: alanbrizotti@hotmail.com

Referências bibliográficas

BÍBLIA *Brasileira de Estudo*. São Paulo: Hagnos, 2016.

BRIZOTTI, Alan. *Quando a vida dói*: reflexões bíblicas para tratar as dores da alma. Goiânia: Estação da Fé, 2013.

CHESTERTON, G. K. *Tremendas trivialidades*. Campinas, SP: Ecclesiae, 2012.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. Londrina, PR: Editora Principis, 2018.

TRAUMANN, Andrew. *Os colombianos*. São Paulo: Contexto, 2018.



PÓS-GRADUAÇÃO

PRESENCIAL NA FTSA

ESPECIALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO
PARA ENFRENTAR NOVOS DESAFIOS



[Práxis 06 (2020) 42-49]

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA SOCIEDADE DIGITAL

Por Cezar Flora

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO DA SOCIEDADE DIGITAL

POR CEZAR FLORA

Introdução

Falar sobre o sentido da vida é colocar-se diante de uma questão existencial, é perguntar-se sobre significado, propósito, direção, e assim por diante. Porém, também é falar sobre narrativa. Como assim? Caso não houvesse uma narratividade as inúmeras experiências não passariam de um emaranhado desconexo. Ao ordenar as experiências da vida, a narratividade permite falar também de um sentido para a vida. Através da narratividade buscamos construir um relato (coerente?) sobre a vida, um relato que também nos permite construir uma identidade para o nosso eu (um *si mesmo*) e, assim, assimilarmos as nossas experiências em um todo coerente (mas uma coerência própria ao caráter da narrativa da vida).

Isto posto, proponho encaminharmos a nossa conversa em torno da seguinte questão: analisar algumas das implicações das mediações digitais para a construção narrativa de identidades pessoais em um contexto onde a tradição vem perdendo sua capacidade de delimitar um enredo básico para a vida.

1. O eu como um projeto reflexivo

Em termos simples, uma sociedade tradicional é uma sociedade onde a tradição herdada constitui-se em um dos principais pontos de referência para a ordenação da vida. Embora isso não signifique dizer que nas sociedades tradicionais ocorra uma repetição cega do que foi herdado, pois, cada geração também reinventa a tradição que recebe.

Entretanto, a partir da modernidade ganha ênfase uma nova forma de ordenar a vida: o peso sai do passado e pende para o futuro, um derreter dos sólidos da tradição (Bauman). Neste novo contexto o conhecimento racional e científico seria capaz de fornecer os elementos definitivos para a construção de um futuro formatado exclusivamente por princípios racionais.

Porém, já em meados do século XIX e depois, com as experiências amargas da primeira parte do século XX, questiona-se a fé em *um* futuro delineado pela ciência ou a ideia de *um* norte, *um* horizonte. Com o passar do tempo, a velocidade do derretimento dos sólidos se acentuou e, conseqüentemente, dos referenciais para a construção das identidades narrativas dos indivíduos.

Dentre as características da modernidade, Giddens (2002, p. 38) chama atenção para a *reflexividade*. Em um sentido geral ela é uma característica definidora de todo agir humano, um monitorar reflexivo da ação. Embora o pensar sobre as próprias ações não seja um tema novo, a reflexividade adquire um novo sentido: “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas”, ou seja, uma reflexividade indiscriminada. Mas aqui, um paradoxo: não há segurança de que um elemento (um novo conhecimento, uma nova prática, etc.) não será revisado em algum momento. Como exemplo, as dietas: novas pesquisas recomendam o abandono de dietas recém implantada, que, por sua vez, serão novamente contestadas. Uma reflexividade se estende por todas as dimensões da vida.

A reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo. Transições nas vidas dos indivíduos sempre demandaram a reorganização psíquica, algo que era frequentemente ritualizado nas culturas tradicionais na forma de ritos de passagem. Mas em tais culturas, nas quais as coisas permaneciam mais ou menos as mesmas no nível da coletividade, geração após geração a mudança de identidade era claramente indicada – como quando um indivíduo saía da adolescência para a vida adulta. Nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social. (Giddens, 2002, p. 37)

Chegado a este ponto, creio haver delimitado o contexto a partir do qual desejo olhar para o papel do digital no processo de construção das identidades narrativas.

2. Mediações digitais

A experiência humana da vida é sempre mediada pela linguagem, por textos, por valores, por conceitos, por imagens, por instituições, pelas memórias elaboradas, etc. É através dessas mediações que percebemos (ou construímos) a realidade e a nós mesmos. É aqui que desejo localizar o digital: como um dos instrumentos de mediação da experiência humana, e, conseqüentemente, da construção de nossas identidades narrativas dentro de um contexto onde o “eu” se torna um projeto reflexivo.

Aproximadamente 60 anos separam a construção dos primeiros computadores (gigantes) do lançamento do primeiro *smartphone* (o BlackBerry, em 2002). Hoje já não conseguimos viver sem eles! A ponto de em nosso dia a dia usarmos expressões como: “estou em bateria”, “estou com pouco sinal”.

Os maravilhosos aplicativos, que surgem aos montes, estão presentes (ao mesmo tempo em que também redefinem) na forma como ouvimos músicas, como acessamos informações, como nos relacionamos com os outros, como cuidamos dos nossos corpos, como gerimos nossas finanças, como nos entretemos... a lista é gigante. Isto apenas indica como as tecnologias digitais têm mediado a *nossa* experiência da vida e nossas formas de narrar a própria vida.

Como exemplo desta presença, olhemos para o caso das redes sociais. As primeiras análises das redes sociais falavam do *ciberespaço*. Porém, alguns hoje já falam do “mito do ciberespaço”, como colocado por Nancy K. Baym: “A comunicação mediada não é um espaço, é uma ferramenta adicional que as pessoas usam para se conectar, uma ferramenta que só pode ser entendida como profundamente embebida e influenciada pelas realidades diárias da vida corporificada” (Apud. Miskolci, 2013, p. 16). Em um sentido mais geral, Byung-Chul Han (2018, p. 10) afirma que “arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto”. Somos seres humanos, conectados, vivendo uma vida conectada.

3. As mediações digitais e a reflexividade do eu

Muito se tem escrito a respeito deste papel do digital como mediador das experiências da vida. Dentre as leituras críticas existem algumas mais negativas (Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han) e outras menos (Pierre Lévy, Anthony Giddens), buscando indicar as novas possibilidades que essas mediações proporcionam. Pensando na relação entre mediações digitais e reflexividade do eu (no processo de construção narrativa da identidade), chamo atenção para dois pontos:

Primeiro ponto, uma construção narrativa marcada por uma reflexividade indiscriminada requer a produção de dados e informações para as autoanálises constantemente requeridas. Neste sentido, as mediações digitais produzem uma quantidade assustadora de informações e dados a nosso respeito. Byung-Chul Han fala de um *quantified self* (ou um eu quantificado):

A crença na mensurabilidade da vida domina toda a era digital. O corpo é equipado com sensores que registram dados automaticamente. São medidos a temperatura corporal, os níveis de glicose no sangue, a ingestão e o consumo de calorias, os deslocamentos e os níveis de gordura corporal [...]. Até mesmo nos momentos de repouso o desempenho e a eficiência têm importância [...]. O desempenho corporal e mental deve ser melhorado através da autoafirmação e do controle. No entanto, o puro acúmulo de dados não responde à pergunta *quem sou eu?* (Han, 2018, p. 83-84)

Como salienta Han, a mera multiplicação de dados e informações, que não implicam na resposta à pergunta *quem sou eu?*, é vazia de sentido, produz apenas dados soltos que não narram coisa alguma. Os dados por si só nada dizem, pois precisam ser interpretados, organizados, submetidos a algum algoritmo.

Segundo ponto, as novas dinâmicas do processo da construção narrativa da identidade. Nas sociedades tradicionais, *tradição* e *comunidade* encontram-se entre as maiores referências básicas para a construção das identidades narrativas de seus membros. Porém, nas sociedades onde a tradição perde

seu papel de referência última o “local” passa a ser permeado pelo “global”. Com o advento das redes sociais (Facebook, YouTube) ocorre ao mesmo tempo uma explosão de novas referências. Minorias, que não encontravam espaço nos gigantes da mídia, encontraram espaço e público. Novas possibilidades de ver a vida ganham espaço. Tradição e comunidade local vão perdendo aos poucos seu papel de referência última, e a reflexividade do eu dispõe cada vez mais de novos referentes. Ou seja, os enredos que determinam as narrativas tornam-se mais maleáveis.

Resumindo: a forma de construirmos as nossas narrativas adquirem novos contornos. O “eu” se torna um projeto reflexivo, constantemente em revisão e os referenciais narrativos se expandem para além dos limites da tradição e da comunidade local.

4. Implicações pastorais

Como indicamos no início dessa nossa conversa, sentido e narratividade estão profundamente conectados. Porém, pontuo que, embora a narratividade não tenha deixado de ser necessária a vida, ela adquiriu novos contornos. Em um artigo anterior (Flora, 2019) discuti com mais detalhes sobre as histórias que ainda podemos contar, e explorei alguns modelos que não mais nos estão disponíveis. Pensando a partir destes pressupostos, como implicação pastoral desta reflexão chamo atenção para o *aspecto narrativo do evangelho*.

A sistematização (embora tenha o seu lugar) da fé por vezes tolhe a percepção de que o evangelho é uma narrativa entre Deus e os seres humanos, uma narrativa para onde confluem múltiplas histórias. A despeito dos inúmeros dados soltos e dispersos, a narratividade do evangelho coloca-se como um instrumento de produção de sentido para a vida. A pergunta “quem sou eu” se faz ouvir diversas vezes no texto bíblico, e, para todas, a história dessas vidas com Deus plenifica a vida com um novo sentido.

Em nosso tempo, a produção imensa de dados dispersos sobre a vida pode desfocar um sentido organizador para toda essa carga de experiências. Porém,

confluir na história de redenção do evangelho pode nos proporcionar uma ferramenta para que a vida não se perca em um vazio sem sentido, mas, que se plenifique através do sentido da *vida nova* que o poder do Espírito pode gerar em nós e através de nós.

Nestas histórias a serem escritas, pontuo mais dois desafios: o papel da tradição e o da comunidade local. Não vivemos mais em uma sociedade tradicional. Entretanto, isso não significa que não haja lugar para a tradição, ou que esta deva ser negada em todos os seus aspectos. Ed René Kivitz diz,

É próprio de cada geração revisar compromissos, acordos, crenças e valores das gerações anteriores. Isso é imprescindível. Somente os animais são os mesmos de geração em geração. A sabedoria, entretanto, recomenda que cada geração deve cuidar para que, ao jogar fora a água seja da bacia, não jogue também o bebê. (Kivitz, 2017, p. 287)

Embora não seja uma camisa de força, a tradição se coloca como uma legítima parceira de diálogo frente aos novos desafios. Precisamos de equilíbrio: nem uma sacralização que revista a tradição de um caráter imutável, nem um apego voraz pelo novo que jogue fora o bebê junto com a água suja.

Por último, o papel da comunidade local. Outrora o ponto último de referência, hoje mais um dentre os múltiplos pontos de apoio para a construção das histórias individuais (como vimos, fator potencializado pelas mediações digitais). Entretanto, aqui convém ressaltar o aspecto comunitário da narrativa do evangelho: o evangelho sempre nos liga aos outros, não nos isola. Por mais que o conceito de comunidade ande hoje muito desgastado, a comunidade ainda tem um importante papel (novo?) a exercer num mundo onde cada vez mais o local tem sido permeado pelo global. “Uns aos outros”, eis a dinâmica comunitária do Espírito, e que deve permear o sentido de nossas histórias.



Sobre o autor

Cezar Flora é Mestrando em Filosofia pela UEL; Graduado em Teologia e Filosofia; Professor da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: cez.ar.flora@teologia.com.br

Referências bibliográficas

FLORA, Cezar. Uma pastoral da narratividade. In: *Práxis Missional*, ano 2, n. 4 (2019), pp. 41-49.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

KIVITZ, Ed René. *Sobre/viver: 365 fragmentos de sabedoria dos provérbios*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. In: *Revista Cronos*, v. 12, n. 2 (2013), pp. 9-22.

PREPARANDO VIDAS PARA SERVIR O **REINO DE DEUS**



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA
Preparando Vidas para servir o Reino de Deus

[43] **3371-0200**



www.ftsa.edu.br



[Práxis 06 (2020) 51-58]

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO PÚBLICO BRASILEIRO

Por Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero

O SENTIDO DA VIDA NO CENÁRIO PÚBLICO BRASILEIRO

POR JÚLIO PAULO TAVARES MANTOVANI ZABATIERO

Introdução

O “sentido da vida” é um tema que voltou à discussão filosófica e teológica neste século, após algumas décadas de afastamento do cenário das principais discussões intelectuais. A principal razão para este retorno está exatamente na *ausência de sentido* na contemporaneidade, dominada como ela está pelos interesses e lógicas do lucro, da acumulação, do individualismo e do consumismo; bem como pela lógica da tecnociência que reduz o humano ao mundo programado das estruturas fisiológicas. Já no final do século passado, um filósofo francês, estudioso do Cristianismo, apontava essa ausência de “sentido da vida” nas sociedades atuais, como fruto da ignorância *pública* sobre o que é a vida e o que é ser uma pessoa, um ser humano:

[...] atualmente, em uma época em que a biologia alcançou seu progresso mais incisivo, uma crescente ignorância se desenvolve em relação ao que a vida realmente é – e isto, muito além de envolver apenas a biologia, esta ignorância se estende ao campo todo do saber científico, que, graças especialmente ao culto a ele prestado, acaba por infectar a mente pública como um todo. Neste caso, ocorreria o fato de que – o espírito de nossos tempos, o espírito moderno e, assim, cada pessoa determinada por ele – saberia menos do que em qualquer época o que é a vida, o que é ser uma pessoa. E visto que aqui isto não pode ser uma questão de mera hipótese, devemos fazer esta linha de raciocínio avançar a ponto de abranger não só o conhecimento científico de nossa era, mas também a sua ideologia coletiva (e, até certo ponto, popular). (Henry, 2003, p. 36)

Concordando com o diagnóstico de Henry, meu objetivo nesta fala é oferecer um breve diagnóstico dessa ignorância no cenário público brasileiro contemporâneo e uma proposta de como nós, cristãs e cristãos, poderíamos construir sentido e dar testemunho da verdadeira vida, que é o Senhor Jesus Cristo.

1. O público na construção do sentido da vida

No texto citado de Henry, ele destaca dois elementos públicos que demonstram a ausência de conhecimento sobre a vida – a ciência e a ideologia – que ele sintetiza com a expressão “espírito moderno”. Podemos evocar outro estudioso europeu, lido e relido há tempos no Brasil, inclusive no cenário teológico, para entender de modo mais concreto como funciona esse “espírito moderno” evocado por Henry. Esse pensador é o sociólogo e filósofo Jürgen Habermas, com quem dialogo há mais de vinte anos. Segundo Habermas, o que caracteriza a modernidade, do ponto de vista do sentido, é o que ele chama de “colonização do mundo da vida pelo sistema”.¹ Em uma série de artigos que foram publicados primeiro na *Práxis Evangélica* (entre 2002-2004) e, mais tarde, em meu livro *Metodologia Teológica* (2018), apresentei minha releitura teológica da análise de Habermas.

A “colonização” do mundo da vida pelo sistema significa basicamente o seguinte: o modo como as pessoas se relacionam umas com as outras e como elas constroem sentido – no cotidiano da vida social – tem sido dominado no mundo moderno pelas lógicas que regem o funcionamento das macroinstituições sociais contemporâneas. Que instituições e lógicas são essas? A mais poderosa é o Mercado, cuja lógica é a do dinheiro, que opera em função da *acumulação* de capital e *exclusão* de empresas e pessoas que não conseguem seguir as “leis do mercado”.² A segunda é o Estado, cuja lógica é o poder, que opera em função da *conquista* do governo e da *classificação* das pessoas em função de sua visão política, ou ideologia.³ A terceira é a Ciência, cuja lógica é a técnica, que opera em função da *especialização* do saber e da

1 A obra principal em que Habermas ofereceu este diagnóstico é a sua obra clássica *Teoria do Agir Comunicativo* (2 vols.), da década de 1970, publicada no Brasil apenas recentemente pela Editora Martins Fontes, em 2012.

2 A lógica do Mercado é radicalmente excludente: transforma tudo em custo ou lucro e reduz o ser humano a uma peça na engrenagem do funcionamento da economia. Para se manter em operação, o Mercado necessita excluir do emprego e do consumo uma porcentagem significativa da população e se aliar ao Estado para que as leis legitimem a dominação e a exclusão econômicas.

3 O estado, que deveria servir à cidadania, ao contrário, serve-se dos cidadãos e cidadãs, tornando-se um mero arrecadador de impostos sem prestação de serviços, uma fonte de benefícios ilegais para seus sujeitos e agentes, e um impotente legitimador das leis do Mercado (vide reforma trabalhista, reforma da previdência, etc.), que garante a acumulação e concentração do capital nas mãos de poucos.

despersonalização do humano.⁴ A quarta é a Mídia, cuja lógica é a *difusão de informação*, que opera em função da *massificação* e da *superficialização* do conhecimento.⁵

O efeito cumulativo dessas lógicas sistêmicas operando no dia-a-dia das pessoas é basicamente o seguinte: (a) as relações interpessoais se tornam cada vez menos *pessoais* e, conseqüentemente, cada vez mais dominadas pelo *resultado útil* que podemos conseguir; (b) a vida cotidiana se torna cada vez mais dominada pelo *individualismo* e pelo *consumismo* (este, o outro lado da moeda da acumulação do capital); (c) a cidadania se resume à busca interesseira de direitos e é governada pela competitividade e exclusão da diferença; e (d) as religiões, inclusive a cristã, tornam-se meios para legitimar o funcionamento das lógicas sistêmicas, reforçando, no cotidiano pessoal, o individualismo e o consumismo, de um lado, a ignorância e o preconceito, de outro.

Quando olhamos para o cenário público brasileiro contemporâneo, podemos ver essas lógicas em operação, cuja consequência mais evidente é a atual *polarização* da dimensão pública da vida e sua *redução* ao combate ideológico e partidário. O povo brasileiro, há muito, equivocadamente considera que o Estado é o agente de transformação social e de construção de justiça. Hoje em dia, esse equívoco alcançou graus extremos, ao ponto de o *sentido da vida* passar a ser definido por instituições e lógicas que não têm legitimidade para realizar essa importante função da vida humana em sociedade. Quando o sentido da vida é assim construído, o resultado não pode ser outro senão o aumento da *ignorância*, da *incapacidade* e da *incompetência* para viver bem. O aumento do egoísmo, da intolerância, do moralismo e de todo tipo de fundamentalismo excludente. E quando voltamos o foco para as igrejas cristãs, é preciso dizer em claro e bom tom: as igrejas evangélicas brasileiras

4 A tecnociência contemporânea é a grande promotora do *naturalismo* como explicação da vida, que reduz o ser humano a simples peça na grande máquina que é a natureza, esta também despersonalizada e reduzida a objeto de pesquisa e exploração. O ser humano, no naturalismo, é mero feixe de impulsos elétricos em um meio químico-celular.

5 A ignorância travestida de conhecimento tem sua forma climática no Twitter, que permite pouco mais de 200 caracteres nas “falas” e nos *likes* do Facebook, que reduzem a pessoa a um perfil narcísico, que busca views e likes em profusão. Os “quinze minutos de fama” da TV agora são os 15 segundos de fama nos memes das redes (anti)sociais.

contemporâneas, em sua imensa e esmagadora maioria, desaprenderam a viver e impedem que o saber viver em Cristo seja conhecido publicamente em nosso país. As comunidades e suas lideranças, especialmente as suas lideranças pastorais, não conseguem dar testemunho verdadeiro de Cristo porque estão conformadas com o presente século, construindo o sentido da vida cristã a partir das lógicas do mundo pecaminoso em que vivemos.

Em termos mais tipicamente teológicos: somos parte do problema porque não mais conhecemos a Cristo como o nosso “caminho, verdade e vida”. Como podemos deixar de ser parte do problema e nos tornarmos parte da solução?

2. Uma fé pública: Jesus Cristo, caminho, verdade e vida

Nós nos tornaremos parte da solução quando nossa vida, privada e pública, for determinada pela vida de Jesus Cristo. Quando nossa atuação pública na construção do sentido da vida for regida pela lógica do Evangelho e não mais pelas lógicas sistêmicas do mundo contemporâneo. Nós nos tornaremos parte da solução quando deixarmos de ter como foco de nosso pensamento e ação o *sucesso* político-econômico, a competição *ideológica* e o *moralismo intolerante* que exclui os pecadores do acesso ao Evangelho de nosso Senhor Jesus. Tentarei traduzir este prognóstico em sete *teses* teológicas públicas que descrevem como trilhar o caminho de Jesus, que é a verdade e a vida:

2.1. Jesus é o caminho da verdade e da vida e somente seguindo em seu caminho poderemos encontrar a verdade e a vida;

2.2. O caminho de Jesus é o caminho da cruz, sem a qual não há ressurreição, não há conversão, não há poder do Espírito, não há proclamação do Evangelho. Precisamos ouvir Lutero novamente, que propôs a *teologia crucis* no lugar da *teologia gloriae*;

2.3. O caminho de Jesus, que revela a verdade e a vida, é o caminho do amor ao pecador, do amor de Deus ao mundo, tão amplo e radical que o Pai enviou seu Filho para salvar todas as pessoas pecadoras e mostrar um modo de viver que transcende todos os critérios, valores e lógicas mundanas;

2.4. O caminho de Jesus é o caminho da fidelidade radical e exclusiva a Deus, que torna inoperantes todas as demais lógicas e compromissos constituídos pelo mundo e suas instituições e, em especial, anula todas as formas de moralismo, prosperidade e intolerância construídas pela religião em geral e pelas igrejas que seguem o caminho do Saulo fariseu e não o do Paulo apóstolo;

2.5. O caminho de Jesus é o caminho da resistência aos valores, saberes, ideologias e lógicas mundanas e religiosas, não mediante o moralismo ou a ética legalista, mas mediante a renovação da nossa mente, dos nossos saberes, dos nossos valores, da nossa teologia pelo Espírito, que é o amor de Deus derramado em nossos corações e que torna louca a sabedoria do mundo e nos possibilita viver de acordo com a sabedoria e o frágil poder de Deus;

2.6. O caminho de Jesus é o caminho do testemunho autêntico e inalterado do Evangelho da Cruz, manifesto primariamente em nossa vida cotidiana como vasos frágeis, pessoas enviadas por Deus como cordeiros em meio aos lobos, e, a partir de nosso testemunho de vida, comunicado na pregação do Evangelho que é o poder de Deus para a salvação de quem aceita o chamado para ser fiel a Deus, testemunho pessoal e verbal realizado no poder do Espírito que atua em nossa fraqueza humana, mantendo-a como fraqueza, a fim de que a excelência do poder seja de Deus e não nossa;

2.7. O caminho de Jesus é mapeado por lógicas anti-mundanas: contra a lógica do dinheiro (acumulação e exclusão), a lógica da *partilha* e da *inclusão*, que se concretiza no testemunho amoroso ao mundo em busca de todos os pecadores; contra a lógica do poder (conquista e classificação), a lógica do *serviço* e do *reconhecimento* que todas as pessoas são pecadoras e, por isso mesmos, todas são amadas por Deus que as deseja salvar, especialmente aquelas que pensam, como os antigos fariseus, que já são salvas; contra a lógica da técnica (especialização e despersonalização), a lógica da *sabedoria* e da *humanização* que coloca a pessoa amada por Deus como valor superior aos valores do dinheiro, do poder, do saber e da informação; que coloca o conhecimento da vida em sua plenitude em oposição à ignorância criada

pela sabedoria deste século; contra a lógica da informação (*massificação e superficialização*), a lógica do *discernimento* que faz atuar como o bom pastor que cuida de cada ovelha e nos torna cheios do *pleno conhecimento* de nosso Senhor Jesus Cristo, para que possamos viver de modo digno do Senhor e para a sua glória.

Conclusão

Seríamos infiéis ao caminho do Messias, porém, se o interpretássemos e vivêssemos exclusivamente como uma “religião”. A construção cristocentricamente teológica do sentido da vida não pode ser reduzida ao diálogo interno da doutrina e da reflexão teológicas. Ela se alimenta do diálogo com todas as demais formas “mundivitas” de construção de sentido: as artes, a literatura, o cinema, a TV⁶, o senso comum esclarecido, a moralidade – as quais, por sua vez, juntamente com a teologia, podem reencantar o sistema colonizador e torná-lo inoperante, situando-o em seu lugar próprio, que é o de servir ao mundo-da-vida e, assim, servir também ao Evangelho da cruz do Messias.

O sentido da vida é, paradoxalmente, constituído a partir do sentido da morte – da morte do Deus-Filho na cruz. Nossa vocação teológica é a vocação apostólica de Paulo, que trilhou de modo exemplar o caminho de Jesus: “Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo. Sim, de veras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos” (Fp 3:7-11).

6 É claro que, no caso das comunicações oriundas do mundo-da-vida, precisamos discernir as que são “autênticas” das que são fruto da banalização do Mercado e demais instituições sistêmicas.



Sobre o autor

Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero é Doutor em Teologia pela EST/São Leopoldo-RS, além de Professor e atual Coordenador do Mestrado Profissional da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: jzabatiero@ftsa.edu.br

Referências bibliográficas

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo*. Vols. I e II. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HENRY, Michel. *I Am the Truth*. Toward a Philosophy of Christianity. Stanford: Stanford University Press, 2003.

ZABATIERO, Júlio P. T. M. *Metodologia teológica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA

Preparando Vidas para servir o Reino de Deus